

190				
			806	J

ÍNDIAS PROSTITUÍDAS (2)



As cidades sitiadas por aliciadores

CARLOS WAGNER

A prostituição de indígenas constrangé algumas cidades ao redor de reservas. As iniciativas de autoridades para acabar com o problema têm sido derrotadas por aliciadores e donos de bordéis. Eles se aproveitam da miséria das índias e da falta de escrúpulos de alguns líderes caingangues. Assim robustecem seu comércio ilegal diante de uma comunidade atônita, como mostra esta reportagem, da série que começou ontem e será concluída amanhã.

Vizinha da Guarita, a maior e mais populosa, violenta e problemática reserva do sul do Brasil, Tenente Portela abriga a principal área de prostituição indígena no Estado. Nessa cidade de 15 mil habitantes e economia agrícola, pelos menos 60 garotas fazem programas - calculam funcionários da Fundação Nacional do Índio (Funai). Os bordéis são improvisados: hotéis, quartos separados por cortinas encardidas em velhas casas, camas instaladas no meio de depósito de garrafas de bares, veículos e bosques.

As autoridades de Tenente Portela, principalmente o Conselho Tutelar, tentaram por diversas vezes dismantlar a rede de prostituição. Todas sem grande sucesso. Lutam contra gigolôs e aliciadores apoiados por líderes indígenas da Guarita, área de 22 mil hectares onde vivem 4 mil caingangues. Um exemplo: na linha divisória entre a cidade e a reserva fica a comunidade da Pedra Lisa. Ali, a poucos metros das casas dos índios, em 1980, Valdomiro Monteiro ergueu um prostíbulo que deu origem ao Hotel Real. Monteiro admitiu que plantava clandestinamente em terras dos caingangues, foi expulso e passou a sobreviver da prostituição de garotas índias. Diz que ganhou dinheiro. Mas o seu negócio acabou quando foi descoberto pelas autoridades. Para evitar problemas com a lei, vendeu o estabelecimento e voltou a ser agricultor.

Atualmente o Hotel Real é arrendado por Nivaldo Ziani, também conhecido como Machado. Com muitas dívidas a quitar, ele montou um esquema com líderes indígenas da Pedra Lisa e duas famílias caingangues: consegue os clientes para as meninas indígenas prostitutas e cobra R\$ 50 pelo encontro, mais o aluguel do quarto. O dinheiro é repartido entre a família da garota e o líder. Na opinião dele, a prostituição de índias é um negócio "limpo" porque ajuda o sustento das famílias.

I.S., 16 anos, e duas primas "trabalham" no Hotel Real. Dizem-se satisfeitas com os ganhos. O concorrente está a menos de 400 metros, o Bar Porão, tradicional ponto de prostituição de índias.

Vizinhos incômodos:

prostíbulo e gigolôs se estabelecem próximo às linhas divisórias das reservas indígenas com o objetivo de atrair meninas da aldeia para o comércio do sexo



FOTOS RONALDO BERNARDI/ZH

O proprietário, Sebastião Reis, tem um outro estabelecimento na cidade. Ele conta que durante uma década viveu como arrendatário clandestino na reserva. Queixa-se do pouco lucro que os bares de prostituição na cidade deixam a seus proprietários. Mostra-se espantado com o número crescente de homens casados e bem situados economicamente envolvidos com meninas indígenas.

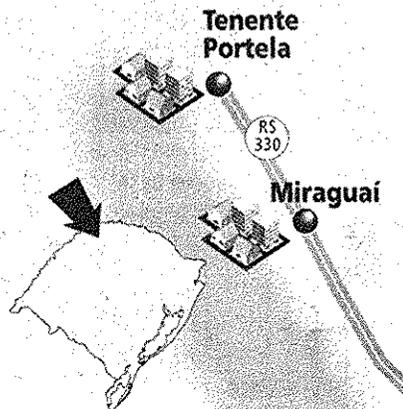
- Para se livrar dos pais, eles sustentam as famílias das meninas com viveres e roupas. Erguem até casas - comenta.

Agentes da Polícia Federal (PF) investigam um caso semelhante em Tenente Portela. Um pequeno industrial, de meia-idade, sustenta os pais de uma garota índia de 16 anos. Nos fins de semana, os dois se encontram em um motel em Frederico Westphalen. Consultado sobre o caso, ele negou tudo. Os pais da garota confirmam.

A prostituição de meninas indígenas nas ruas hoje é maior do que nos bares. Em plena luz do dia, em 7 de julho, nos arredores do centro de Tenente Portela, T.A.S., 13 anos, se prostituía acompanhada de uma irmã. No anoitecer dos fins de semana, várias jovens caminham pelas mal iluminadas vias da cidade. Geralmente estão acompanhadas de um parente, segurança e cafetão. Ficam nas esquinas, e ele procura o cliente. Na noite de 23 de julho, na frente do Hotel Avenida, um jovem índio embriagado se aproximou de um pedestre e ofereceu uma prima para um programa. A garota aparentava ter 15 anos. O preço exigido era de R\$ 30, fora as despesas com hotel.

A oferta teve a naturalidade de quem vendia uma mercadoria qualquer. A poucos metros dali, em um outro grupo de jovens, índias acompanhadas por um idoso bebiam aguardente em um litro de plástico. Uma delas, com sinais de embriaguez, tentava

convencer um rapaz a fazer um programa com ela. Não aceitou e foi chamado de frouxo. Ele retrucou e chamou a garota de "bugra suja". Logo adiante, quatro meninas indígenas prostitutas travavam uma discussão em caingangue, concluída em risadas. Neste grupo havia uma menina de cerca de nove anos espantada com a movimentação. A.R.B., 17 anos, se divertia com o espanto da garotinha.



			806	J	

Entrevista: C.C.

“A Funai tinha de acabar com os estupros nas reservas”

A caingangue C.C., 25 anos, ganha parte do seu sustento levando garotas indígenas das reservas para trabalharem nas cidades, onde acabam se prostituindo. Ela é odiada por pais, religiosos, técnicos da Fundação Nacional do Índio (Funai) e pela própria família. Justifica que a opção de se prostituir ou não é da menina, não dela. Trata seu trabalho como uma tarefa libertadora de garotas oprimidas por suas famílias e maltratadas pelos líderes da tribo.

No início da tarde do dia 21 de julho, em um prostíbulo de Tapejara, ela concordou em falar sobre a sua vida, sob a condição de que fossem divulgadas apenas as iniciais do seu nome. Estes são os principais trechos da entrevista:

Zero Hora — Quando e por que a senhora saiu da reserva?

C.C. — Tinha uns 15 anos e me casei com um índio. Não deu certo e sai pelo mundo para ajeitar a minha vida.

ZH — Por que não tentou arrumar a vida na reserva?

C.C. — Se ficasse lá, eu seria transformada em “mulher de todos” (prostitutas) pelos líderes.

ZH — Como a senhora saiu da reserva?

C.C. — Fugida. Os líderes tentaram evitar a minha fuga, fui colocada na cadeia (os caciques têm prisões nas áreas). Escapei pelo teto e fui morar em Erechim.

ZH — Segundo a Funai, a senhora sobreviveu se prostituindo e trabalhando de doméstica. Nos últimos dois anos, se envolveu com aliciamento de meninas indígenas para a prostituição. Correto?

C.C. — Não forço nenhuma menina que viva nas reservas a vir comigo para a cidade. Sou procurada por elas. A maioria quer sair porque não suporta os maus-tratos da família e dos líderes. Arrumo colocação para elas trabalharem foram da área, geralmente de doméstica. Não sou responsável se elas se envolvem com homens.

ZH — Recebe algum tipo de dinheiro por este serviço?

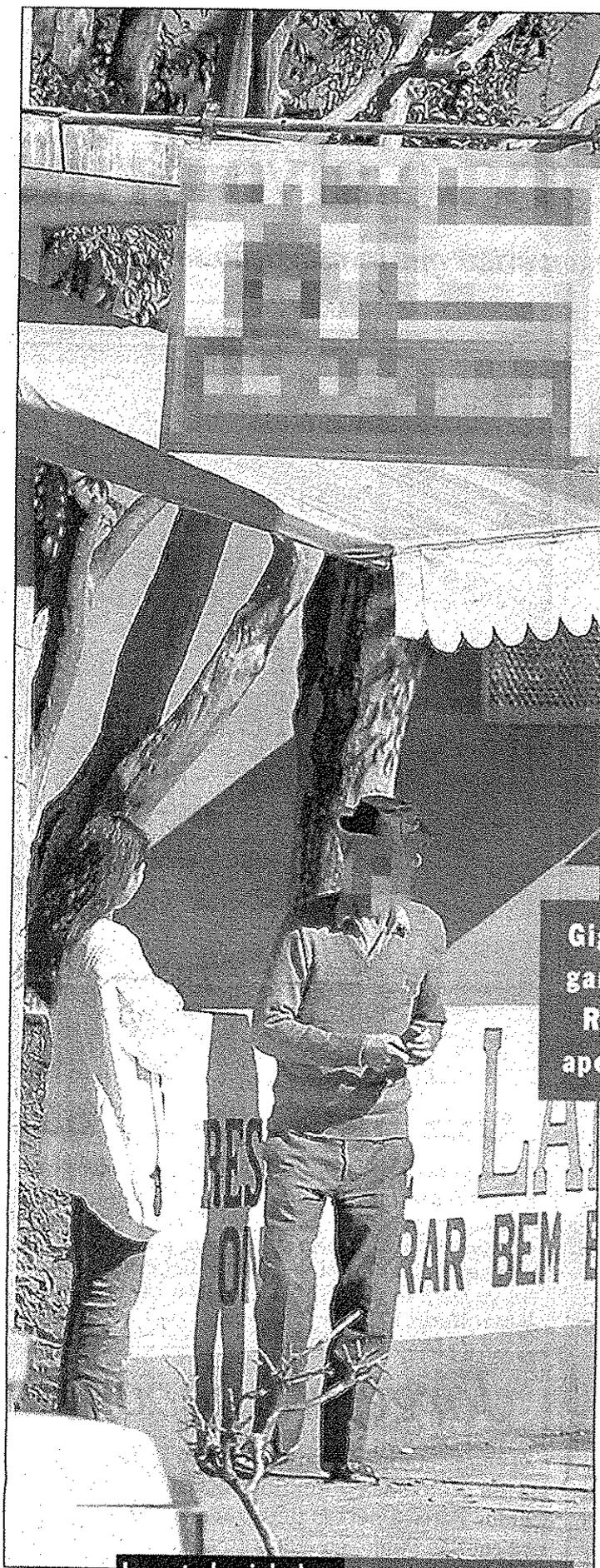
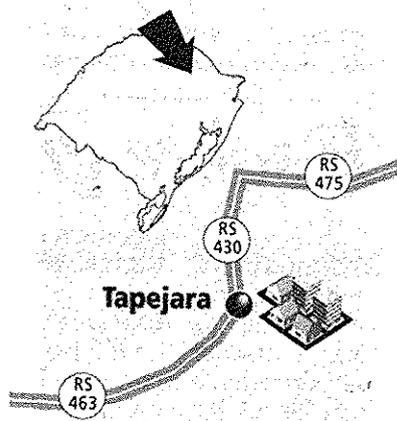
C.C. — Claro que não, muitas vezes nem um muito obrigado.

ZH — Mas a senhora convive com outras meninas indígenas que se prostituem pela cidade. Muitas delas foram trazidas pela senhora para trabalhar de doméstica. Correto?

C.C. — Não sou responsável pela vida de ninguém. Em vez de ficar preocupada com o rabo das índias, a Funai tinha de acabar com os estupros nas reservas e tirar os líderes safados. Muitas garotas que se viram nas cidades precisam pagar para entrar na área.

ZH — O que ocorre se não pagarem?

C.C. — São surradas e proibidas de entrar. Isso é banditismo.



Juventude violada: garotas índias fazem ponto durante o dia em ruas movimentadas do município de Tapejara

“A paixão abre a carteira do homem”

Durante as noites de fim de semana na cidade de Nonoai, Telmo Frandoloso transita pelas ruas carregando em uma velha Kombi jovens prostitutas brancas e indígenas para o trabalho. Deixa-as pelas esquinas, nos bares ou mesmo na Boate Havaí, prostíbulo localizado fora da cidade, no meio das lavouras, onde ele e um sócio, conhecido como Canhoto, recebem fregueses de toda a região.

Na maior parte do dia, Frandoloso se debruça sobre o balcão do Bar do Telmo, na Rua Pedro Rosa, 348, onde funciona um prostíbulo nos fundos.

Cauteloso com estranhos, demonstra orgulho da função — intermediário de programas entre meninas prostitutas e clientes, tarefa popularmente conhecida como cafetão:

— Só lido com meninas que gostem de ganhar dinheiro e não tragam problemas para o cliente, geralmente uma pessoa de respeito.

Entre as garotas que explora, Frandoloso tem três indígenas, uma delas (B.A.S., 17 anos) é o seu orgulho. Conta que certa vez, em dificuldades econômicas, levou a garota para um prostíbulo na divisa entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Em um noite, ela gerou um lucro líquido de R\$ 1,2 mil.

— Ela fez um homem de negócios se apaixonar por ela. Isso é lucro certo. A paixão abre a carteira do homem — filósofa.

Frandoloso tem como regra jamais buscar uma menina indígena prostituta na reserva. Opera de outro modo. Tem contatos com famílias de caingangues que vivem fora da área, os chamados índios desaldeados. Eles fazem o contato com a família e trazem a garota.

— Tomo o cuidado de só lidar com meninas que já estejam se prostituindo — diz.

Acredita que, com isso, estará evitando ser acossado pelos parentes. Também evita lidar com garotas ligadas a igrejas pentecostais, atuantes entre os índios, porque os pastores costumam denunciar às autoridades.

Gigolô conta que garota conseguiu R\$ 1,2 mil em apenas uma noite

